

D U N A

V O L U M E U M

frank herbert

Tradução de Jorge Candeias

P R E F Á C I O

Uma das características partilhadas por quase todos os clássicos de culto é a qualidade dos seus mitos de origem: C. S. Lewis a improvisar Nárnia para entreter as crianças desalojadas que acolheu em sua casa durante a II Guerra Mundial; Tolkien, enquanto corrigia exames, a anotar distraidamente a que viria a ser a primeira frase de *O Hobbit*.

Poucas géneses, no entanto, serão tão apropriadas como a de *Duna*. A inspiração imediata para o livro surgiu em 1957, durante uma viagem do então jovem repórter *freelancer* Frank Herbert ao estado do Oregon para investigar um projecto-piloto do governo local destinado a estabilizar a expansão descontrolada de dunas costeiras, que ameaçavam engolir bosques, auto-estradas e povoações inteiras. Em vez dos métodos tradicionais — construir paredões — a ideia passava por introduzir uma espécie não-autóctone de erva daninha que pudesse, a longo prazo, conter organicamente o movimento das areias. Os leitores de *Duna* identificarão com facilidade os rudimentos, não só da ecologia de Kynes, como da semente narrativa do livro: em vez de modificar os ritmos naturais, fazer com que esses ritmos contribuam para o objectivo pretendido; adaptação às circunstâncias substituindo a mera subjugação tecnológica; e a importação de um elemento exterior para cumprir um propósito salvífico.

A reportagem nunca viria a ser publicada, mas o esquema inflamou a imaginação de Herbert — que já antes fervilhava com ideias soltas sobre uma história (ainda de contornos indefinidos) sobre as “convulsões messiânicas” que periodicamente assolam a humanidade.

Além da tendência dos desertos para atrair místicos e profetas, para produzir religiões de antecipação, e para incutir nos seus habitantes uma receptividade intensificada a narrativas teleológicas, Herbert viu também o cenário ideal para aplicar um dos métodos imaginativos centrais da literatura fantástica: construir um mundo, e deduzir as consequências de o habitar. Ao contrário das vastidões nevadas dos Pólos terrestres, que inspiraram, desde Poe e Lovecraft, diversas expedições canónicas da ficção especulativa, os desertos eram ainda, no duplo sentido da expressão, *tabula rasa*.

A emancipação inscrita nas profecias dos Fremens, o povo indígena do planeta deserto que dá título ao romance, é simultaneamente metafísica e materialista. Anseia pelo Messias, mas também pela paciente terraformação que faça o Paraíso florescer.

Ecologia e Religião — à escala planetária. As melhores premissas são aquelas que parecem óbvias *a posteriori*.

Embora os doze milhões de exemplares vendidos em meio século sirvam para o apresentar como o maior *best-seller* da história da ficção científica, será legítimo questionar exactamente quão “científica” é a ficção que Herbert nos apresenta. E quanto mais estrita for a definição operativa, maiores serão as dificuldades de encaixe.

Duna terá sido um dos textos pioneiros em alargar o leque de recursos da FC, saindo do terreno seguro das chamadas ciências duras e transformando ecologia, antropologia e até psicologia em objectos legítimos de extrapolação. Os poucos elementos tecnológicos que Herbert adopta são prontamente subvertidos ou reduzidos a processos quase sobrenaturais: as viagens interplanetárias, que dependem do uso prolongado de um fármaco poderoso, são explicadas como algo a meio caminho entre a alucinação e a magia; e o armamento militar é tão avançado que acaba por se cancelar mutuamente, fazendo com que qualquer escaramuça — de qualquer dimensão — reverta ao combate corpo a corpo.

Ao abdicar adicionalmente de dois dos tropos centrais da FC de pura extrapolação técnica (computadores e robots), Herbert reduziu o esqueleto narrativo aos elementos básicos de uma fantasia arturiana. É, aliás, difícil não suspeitar que o curioso retrocesso tecnológico do universo de *Duna* obedece menos a uma rigorosa extrapolação sociopolítica do que a meros expedientes narrativos: o sempre louvável desejo, por exemplo, de incluir duelos de espadas numa história.

O verniz futurista é aplicado a uma estrutura quase medieval. Um sistema feudal em que um Imperador concede planetas inteiros a famílias nobres (chefiadas por Duques, Barões, etc.); em que confrarias detêm os monopólios mais importantes; em que os membros de ordens iniciáticas esotéricas cumprem funções específicas, quer como conselheiros da corte (caso dos Mentats, que substituem os Merlins), quer como contrapoder matriarcal (caso das Bene Gesserit, que substituem, por assim dizer, as bruxas). Até os dragões que protegem a caverna do tesouro são alvo de uma glosa inspirada na imagem dos colossais vermes de areia. Tal como a saga *Star Wars* (que usou, e usa, métodos muito semelhantes) *Duna* é um tecido de absorção de arquétipos, mitos e precursores *mainstream*.

Termina, como *Hamlet*, com um duelo pela honra de um pai assassinado. A atmosfera, bem como uma parte substancial da carga temática, são tributárias tanto do *Nostromo*, de Conrad, como da história de Lawrence da Arábia. E até as maquinações genéticas das Bene Gesserit se assemelham a uma versão psicadélica dos estratagemas matrimoniais de Jane Austen.

O estilo é tão anacrónico e aparentemente pedestre que pode representar um obstáculo inicial para os leitores neófitos. Os primeiros capítulos reproduzem os procedimentos típicos de uma telenovela: várias personagens vão chegando a um conjunto reduzido de cenários (os aposentos de Paul Atreides, ou do Barão Harkonnen) para irem cumprindo as suas funções expositórias, por vezes em fogachos de *voz off*. A gestão do ponto de vista é particularmente atordoante para o leitor de hábitos contemporâneos. Na mesma sequência, a perspectiva pode saltitar de personagem em personagem, por vezes em parágrafos sucessivos.

Sobre tudo isto, o melhor que se pode dizer é que, por mais desestabilizadores que os efeitos sejam à partida, quase tudo é uma escolha deliberada, e quase tudo tem um propósito. Como George R. R. Martin, Herbert exhibe uma notória apetência para se desembaraçar subitamente de personagens importantes. O objectivo, no entanto, não é o pequeno sobressalto do *plot twist* — até porque cada morte é anunciada previamente. (A estratégia retórica predominante, aliás, é o *spoiler*: nas primeiras sessenta ou oitenta páginas, todos os desenvolvimentos narrativos mais importantes são antecipados). O resultado cumulativo destes escândalos com aviso de recepção é o reforço formal de um mundo predestinado: um mundo onde a omnisciência é um facto, mesmo que não sirva como defesa.

A acção do livro passa-se 21 mil anos no futuro (um período que as posteriores sequelas prolongam por mais alguns incalculáveis milénios). Além do impacto de desfamiliarização, o expediente desobriga o autor de estabelecer uma continuidade legível com o presente. O nosso tempo é usado apenas como fundo de maneio, e saqueado para fornecer todo o tipo de artefactos: culturais, sociais, intelectuais — e até fonéticos.

A paisagem onomástica e toponímica de *Duna* é um dos triunfos tangenciais do romance e revela um talento para nomear que não depende do potencial alusivo de cada palavra. Harkonnen, de Vries, Duncan Idaho, Atreides, Caladan, Muad'dib: são nomes cuja ressonância é mais fonética do que cultural. Essas escolhas vocabulares, de certa forma, reforçam a plausibilidade da exorbitante escala temporal: remetem para um futuro tão distante que a Antiguidade Clássica, o Islão ou os Estados Unidos são apenas memórias difusas, e em que os seus

resquícios diluídos e misturados já perderam significados específicos, preservando apenas uma sonoridade eloquente. Tudo o que hoje nos é familiar é despromovido à condição de *vintage*.

Mas *Duna* é também um produto do seu tempo. Herbert é difícil de classificar politicamente e há elementos contraditórios na sua biografia: primo afastado do caça-comunistas Joseph McCarthy, chegou a escrever discursos para um Senador Republicano, mas também fez as obrigatórias experiências alucinogénias, converteu-se ao budismo, etc. Apesar de tudo, não é um percurso invulgar nos anos 60 — especialmente na peculiar contracultura libertária da Califórnia.

Duna — juntamente com *Stranger in a Strange Land*, de Robert Heinlein — inaugura o período em que a ficção científica deixa de ser um zeloso interesse minoritário e passa a genuíno fenómeno de massas, e parte do sucesso deveu-se ao fanático evangelismo dos *baby boomers* adolescentes. Os estudantes universitários que transformaram *Duna* num *best-seller* fizeram o mesmo com Tolkien, Heinlein e Vonnegut — mas também com *Catch-22* e *Voando Sobre Um Ninho de Cucos*.

Ao puro nível formal, e com a óbvia excepção da trilogia de Tolkien, *Duna* será uma obra mais conservadora que todas as mencionadas. Mas exibe algumas correspondências temáticas e a mesma atenção ao *zeitgeist* formado pela *détente* nuclear e por conflitos periféricos (como o do Vietname): a preocupação com a possibilidade de a tecnologia poder finalmente cumprir os receios apocalípticos de gerações anteriores; e a ideia de “ciclos” históricos, em que poderes hegemónicos podiam entrar em períodos de declínio às mãos de insurreições coloniais.

A maior proeza de inventividade de Herbert terá sido unir uma série de pontas soltas num único tropo — a “especiaria” (que é ao mesmo tempo fármaco psicotrópico, recurso económico vital, e droga geriátrica). O que outros livros talvez tratassem como *macguffin*, *Duna* transforma na mercadoria mais potente e determinante do Universo, colocando-a num relativamente plausível contexto geopolítico. Traduzido em referências contemporâneas, este é o Universo de *Duna*: uma realidade em que LSD, petróleo e o elixir da juventude são a mesma substância — e em que o controlo dos meios de produção é subitamente uma incógnita.

A ficção científica, sendo quase sempre uma reflexão distorcida do período que a produz, só raramente demonstra real presciência. E alguns dos aparentes *jackpots* de Herbert são menos profecia do que ricochetes acidentais (o facto, por exemplo,

de termos como *jihad*, *bourka* ou *sharia*, todos usados no livro, terem hoje uma ressonância no Ocidente que não tinham em 1965). Mas não deixa de ser curioso compará-lo com clássicos como a saga *Foundation*, de Asimov, ou mesmo *1984*, com as suas extrapolações tão presas aos contextos específicos da Guerra Fria, quer pela divisão do mundo em blocos geopolíticos controlados por potências rivais, quer pela irrelevância da religião. Acidentalmente ou não, *Duna* mostra-nos um universo determinado pela ressurgência de fundamentalismos religiosos e pela circunscrição geográfica do recurso económico mais valioso do planeta.

Mas um dos objectivos do livro é interrogar o próprio conceito de profecia, e ilustrar os seus alçapões teóricos e práticos. Em contraponto à saga de Asimov, com o seu tecno-optimismo sobre a possibilidade quimérica de uma ciência num estágio tão avançado que se torna capaz de descobrir as “leis naturais” da História, e assim prever o futuro, *Duna* argumenta que se a História é governada por leis, as mesmas são irracionais ou, pelo menos inacessíveis à racionalidade humana (e até sobre-humana):

“Ao agarrar-se ao presente, sentiu pela primeira vez a massiva firmeza dos movimentos do tempo, complicada por todo o lado por correntes inconstantes, por vagas, por afluxos e refluxos, como ondas a rebentar contra falésias rochosas. Isso deu-lhe um novo entendimento da sua presciência, e viu a fonte do tempo cego, a fonte de erro que nele havia, com uma sensação imediata de medo. Compreendeu que a presciência era uma iluminação que incorporava os limites daquilo que revelava — simultaneamente uma fonte de exactidão e de erro significativo. Intervinha uma espécie de indeterminação de Heisenberg: o gasto de energia que revelava o que ele via, mudava o que ele via.”

Os dons proféticos de Paul Atreides não o emancipam em relação ao futuro; pelo contrário: tornam-no escravo efectivo de acções predeterminadas:

“A raça conhece a sua própria mortalidade e teme a estagnação da sua hereditariedade. A ânsia por fundir sem plano linhagens genéticas encontra-se no sangue. O Império, a Companhia CHOAM, todas as Grandes Casas, não passam todos de bocados de destroços no caminho da inundação.”

Esta “inundação” é um dos passos da alegoria anti-imperialista e pós-colonial

que as múltiplas sequelas (cuja leitura é tudo menos obrigatória) foram refinando: a guerra santa — com sessenta mil milhões de vítimas — que varre o Universo, sublimando uma reacção cega contra a estagnação imperial e racial, num turbilhão incontrolável mesmo pela figura messiânica que não a desejava.

Nas acções de Paul Atreides nos últimos capítulos, e na sua atitude perante tudo aquilo que consegue adivinhar sem conseguir impedir, a mensagem ecológica funde-se com a mensagem política: as tentativas de subjugação política e tecnológica, seja de um ecossistema, seja de uma determinada ordem social, acabam por gerar complacência sob a máscara de uma falsa estabilidade, deixando-nos impreparados para súbitas anomalias e singularidades. Em *Duna*, “ganha” sempre quem se mostra mais adaptável — mesmo que as vitórias sejam de Pirro, e não sirvam para mais do que tornar os vencedores um mero instrumento de execução de superstições fictícias e utilitárias, que acabam por se cumprir sem que ninguém tire proveito.

Uma heurística tentadora para interpretar obras de ficção especulativa é interrogar a fantasia específica que está a ser lisonjeada ou subvertida. As viagens no tempo, por exemplo, dão forma a um desejo pueril de onisciência e onipotência (o desejo de corrigir erros passados ou aproveitar oportunidades perdidas) que pode ser reduzida à fantasia de nunca ter de aprender nada.

No caso de *Duna*, o espaço disponível entre a intenção expressa do autor (que sempre disse querer denunciar principalmente o fascínio com líderes carismáticos) e a margem interpretativa do texto (não é que o problema sejam os falsos messias; é que mesmo os *verdadeiros* messias podem não ser a solução) acaba por funcionar a favor do livro. Tal como as dunas do Oregon que lhe deram origem, o romance respira melhor se não o tentarmos subjugar com espartilhos interpretativos e demonstrarmos, enquanto leitores, a mesma capacidade de adaptação ao estranho ecossistema que encontramos — com os seus ecos míticos, Navegadores mutantes e criaturas gigantescas.

Como outros fenómenos de popularidade e saturação cultural equivalentes, *Duna* é menos veículo didáctico ou enredo temporal do que localização geográfica — com regras próprias, coerência interna, e um exotismo embutido. Como os melhores mundos secundários, a sua maior virtude é a durabilidade das imagens que cria, que continuam a deslumbrar e inquietar muito depois da nossa breve passagem.

Rogério Casanova

L I V R O P R I M E I R O

D U N A

Um começo é o momento de ter o mais delicado dos cuidados para que os equilíbrios estejam correctos. Qualquer irmã das Bene Gesserit sabe disto. Para começar o vosso estudo da vida do Muad'Dib, portanto, assegurem-se de que começam por localizá-lo no seu tempo: nascido no 57º ano do Imperador Padixá, Shaddam IV. E tenham o mais especial dos cuidados em localizar Muad'Dib no seu lugar: o planeta Arrakis. Não se deixem enganar pelo facto de ele ter nascido em Caladan e vivido aí os seus primeiros quinze anos. Arrakis, o planeta conhecido como Duna, é para sempre o seu lugar.

— do “Manual de Muad'Dib”, pela Princesa Irulan

Na semana anterior à partida para Arrakis, quando todas as correrias finais atingiram um frenesi quase insuportável, uma velha veio visitar a mãe do rapaz, Paul.

Estava uma noite quente no Castelo Caladan, e a antiga pilha de pedra que servira de lar à família Atreides durante vinte e seis gerações mostrava aquela sensação de suor arrefecido que adquiria antes de uma mudança no tempo.

A velha foi deixada entrar pela porta lateral, ao fundo da passagem abobadada que havia perto do quarto de Paul, e foi-lhe permitido um momento para espreitar para onde ele se encontrava deitado na cama.

À meia-luz de uma lâmpada suspensória, amortecida e a pairar perto do chão, o rapaz, acordado, viu uma volumosa silhueta feminina à sua porta, um passo à frente da sua mãe. A velha era uma sombra de bruxa — o cabelo parecia teias de aranha emaranhadas, um capuz rodeava-lhe a escuridão das feições, os olhos eram como jóias cintilantes.

— Ele não é pequeno para a idade, Jessica? — perguntou a velha. A sua voz silvava e ressoava como um baliset desafinado.

A mãe de Paul respondeu no seu suave contralto:

— Os Atreides são conhecidos por começarem a crescer tarde, Reverência.

— Ouvi dizer, ouvi dizer — silvou a velha. — Mas ele já tem quinze anos.

— Sim, Reverência.

— Está acordado e a escutar-nos — disse a velha. — Patifório manhoso. — Soltou um risinho. — Mas a realeza precisa de manha. E se ele for realmente o Kwisatz Haderach... bem...

No interior das sombras da sua cama, Paul mantinha meras fendas abertas nos olhos. Duas ovas brilhantes como se de uma ave se tratasse — os olhos da velha — pareceram expandir-se e brilhar ao fitarem os seus.

— Dorme bem, patifório manhoso — disse a velha. — Amanhã vais precisar de todas as tuas faculdades para seres apresentado ao meu gom jabbar.

E desapareceu, empurrando a mãe de Paul para fora do quarto, fechando a porta com um baque sólido.

Paul permaneceu acordado, perguntando a si próprio: *O que é um gom jabbar?*

Com toda a perturbação daquela época de mudança, a velha era a coisa mais estranha que vira até aí.

Reverência.

E o modo como chamava Jessica à mãe, como se ela fosse uma simples criada e não o que era — uma Dama Bene Gesserit, concubina de um duque e mãe do seu herdeiro.

Será um gom jabbar algo de Arrakis que eu tenha de conhecer antes de irmos para lá?, interrogou-se.

Articulou as estranhas palavras: *Gom jabbar... Kwisatz Haderach.*

Houvera tantas coisas a aprender. Arrakis seria um lugar tão diferente de Caladan que a mente de Paul rodopiava com o novo conhecimento. *Arrakis — Duna — Planeta Deserto.*

Thufir Hawat, o Mestre de Assassinos do pai, explicara: os inimigos mortais da família, os Harkonnen, tinham passado oitenta anos em Arrakis, controlando o planeta como um quase-feudo sob um contrato da Companhia CHOAM para minar a especiaria geriátrica, melange. Agora, os Harkonnen estavam a partir para serem substituídos pela Casa Atreides em feudo-completo — uma aparente vitória para o Duque Leto. No entanto, dissera Hawat, esta aparência continha o mais mortal dos perigos, pois o Duque Leto era popular entre as Grandes Casas do Landsraad.

— Um homem popular desperta a inveja dos poderosos — dissera Hawat.

Arrakis — Duna — Planeta Deserto.

Paul adormeceu e sonhou com uma caverna de Arrakis, consigo rodeado de gente silenciosa, deslocando-se à luz mortiça de globoclarões. O lugar era solene, como uma catedral, e ele escutava um ténue som — o ping-ping-ping da água. Mesmo enquanto permanecia no sonho, Paul soube

que se lembraria dele quando acordasse. Lembrava-se sempre dos sonhos que eram predições.

O sonho desvaneceu-se.

Paul acordou e achou-se no calor da sua cama — pensando... pensando. Aquele mundo do Castelo Caladan, sem brincadeiras nem companheiros da sua idade, talvez não merecesse tristeza na despedida. O Dr. Yueh, seu professor, sugerira que o sistema de classes faufreluches não era rigidamente defendido em Arrakis. O planeta abrigava pessoas que viviam à beira do deserto sem caid ou bashar que as comandasse: gente fugaz do deserto chamada fremen, que não estava contada em nenhum censo do Regate Imperial.

Arrakis — Duna — Planeta Deserto.

Paul detectou as suas próprias tensões, decidiu treinar uma das lições de mente e corpo que a mãe lhe ensinara: caiu na consciência flutuante... focar a consciência... dilatação da aorta... evitar o mecanismo desfocado da consciência... para estar consciente por escolha própria... sangue enriquecido a inundar rapidamente as regiões de sobrecarga... *não se obtém alimento-segurança-liberdade só através do instinto*... a consciência animal não se prolonga para lá de cada momento nem abarca a ideia de que as suas vítimas poderão extinguir-se... o animal destrói e não produz... os prazeres animais mantém-se próximos do nível das sensações e evitam o que é perceptual... o humano requer uma matriz de base, através da qual possa ver o seu universo... consciência focada por escolha própria, é isso que forma a matriz... a integridade corporal segue o fluxo nervoso-sanguíneo de acordo com a mais profunda consciência das necessidades celulares... todas as coisas/células/seres são impermanentes... tentar alcançar a permanência de fluxo interior...

A lição rodopiou uma e outra e outra vez no interior da consciência flutuante de Paul.

Quando a alvorada tocou o parapeito da sua janela com luz amarela, ele sentiu-a através de pálpebras fechadas e abriu-as, ouvindo então o renovado bulício e pressa do castelo, vendo o padrão familiar das vigas do tecto do seu quarto.

A porta do corredor abriu-se e a mãe espreitou para dentro, com o cabelo, como bronze matizado, preso por uma fita no topo da cabeça, o rosto oval sem emoções e os olhos verdes a fitá-lo, solenes.

— Estás acordado — disse. — Dormiste bem?

— Sim.

Ele estudou-lhe a silhueta, viu uma sombra de tensão nos seus ombros enquanto lhe escolhia roupa, no armário. Para outra pessoa, a tensão podia ter passado despercebida, mas ela treinara-o nos Modos Bene Gesserit — na

minúcia de observação. Virou-se com um casaco semiformal na mão, para ele vestir. Mostrava o brasão Atreides, vermelho com o falcão, por cima do bolso de peito.

— Despacha-te e veste-te — disse ela. — A Reverenda Madre está à espera.

— Sonhei com ela, um dia — disse Paul. — Quem é?

— Foi minha professora na escola Bene Gesserit. Agora é a Verdavidente do Imperador. E, Paul... — Hesitou. — Tens de lhe falar dos teus sonhos.

— Falarei. Foi por causa dela que obtivemos Arrakis?

— Nós não *obtivemos* Arrakis. — Jessica sacudiu poeira de um par de calças, pendurou-as juntamente com o casaco no cabide que havia junto da cama dele. — Não deixes a Reverenda Madre à espera.

Paul sentou-se, abraçou os joelhos.

— O que é um gom jabbar?

De novo, o treino que ela lhe dera expôs a sua hesitação quase imperceptível, uma revelação nervosa que ele sentiu como medo.

Jessica atravessou o quarto até à janela, abriu bem os cortinados, e perdeu os olhos por cima dos pomares do rio na direcção do Monte Syubi.

— Depressa ficarás a saber o que é... o gom jabbar — disse.

Ele ouviu o medo na sua voz e interrogou-se acerca dele.

Jessica falou sem se virar.

— A Reverenda Madre está à espera na minha sala de estar. Por favor, despacha-te.

A Reverenda Madre Gaius Helen Mohiam estava sentada numa cadeira forrada de tapeçaria a observar a aproximação da mãe e do filho. Janelas de ambos os lados davam para a curva sul do rio e para as verdejantes terras de cultivo da propriedade da família Atreides, mas a Reverenda Madre ignorava a vista. Naquela manhã estava a sentir a idade de uma forma que era mais do que um pouco impertinente. Punha as culpas na viagem espacial e no convívio com aquela abominável Guilda do Espaço, e com os seus modos cheios de segredos. Mas encontrava-se ali uma missão que requeria a atenção pessoal de uma Bene Gesserit dotada de Visão. Nem mesmo a Verdavidente do Imperador Padixá podia esquivar-se a essa responsabilidade quando chegava o chamamento do dever.

Maldita seja esta Jessica!, pensou a Reverenda Madre. *Se ao menos nos tivesse dado à luz uma rapariga, como lhe foi ordenado!*

Jessica parou a três passos da cadeira, fez uma pequena vénia, um movimento suave mas rápido com a mão ao longo da costura da saia. Paul fez a vénia curta

que o seu instrutor de dança lhe ensinara — aquela usada “quando em dúvida quanto ao estatuto da outra pessoa”.

As subtilezas da saudação de Paul não passaram despercebidas à Reverenda Madre. Disse:

— Ele é cauteloso, Jessica.

A mão de Jessica pousou no ombro de Paul, apertou-se lá. Durante um segundo, o medo latejou na sua palma. De seguida, ela controlou-se.

— Foi assim que foi ensinado, Reverência.

De que tem ela medo?, perguntou Paul a si próprio.

A velha estudou Paul num bruxulear de *gestalt*: a cara oval como a de Jessica, mas ossos fortes... cabelo, o negro-negro do Duque mas com a testa do avô materno que não pôde ser nomeado, e aquele nariz fino e desdenhoso, dando forma a olhos verdes que olham directamente, como o velho duque, o avô paterno que está morto.

Ora aí estava um homem que dava valor ao poder da bravata... mesmo na morte, pensou a Reverenda Madre.

— Ensinar é uma coisa — disse — o ingrediente básico é outra. Veremos. — Os velhos olhos deitaram um relance duro a Jessica. — Deixa-nos. Ordeno-te que practiques a meditação da paz.

Jessica tirou a mão do ombro de Paul.

— Reverência, eu...

— Jessica, sabes que tem de ser feito.

Paul ergueu os olhos para a mãe, confundido.

Jessica endireitou-se.

— Sim... claro.

Paul voltou a olhar para a Reverenda Madre. A delicadeza e o evidente temor que a mãe sentia por aquela velha aconselhavam cautela. Mas o medo que sentia a irradiar da mãe causava-lhe uma apreensão irritada.

— Paul... — Jessica respirou fundo. — ...este teste a que vais ser sujeito... é importante para mim.

— Teste? — Ergueu os olhos para ela.

— Lembra-te de que és filho de um duque — disse Jessica. Girou sobre si própria e saiu a passos largos da sala com uma vergastada seca da saia. A porta fechou-se solidamente nas suas costas.

Paul encarou a velha, controlando a ira.

— Agora manda-se embora a Dama Jessica como se ela fosse uma rapariga de servir?

Um sorriso dobrou os cantos da velha boca enrugada.

— A Dama Jessica *foi* a minha rapariga de servir, rapaz, durante catorze anos, na escola. — Fez um aceno. — E era boa. Bom, *tu*, vem cá!

A ordem caiu sobre ele como um chicote. Paul deu por si a obedecer antes de conseguir pensar no assunto. *A usar a Voz em mim*, pensou. Parou a um gesto dela, junto aos seus joelhos.

— Estás a ver isto? — perguntou a mulher. Das dobras do vestido, ergueu um cubo verde de metal com cerca de quinze centímetros de lado. Virou-o e Paul viu que um dos lados estava aberto... e era negro e estranhamente assustador. Nenhuma luz penetrava naquele negrume aberto.

— Põe a mão direita na caixa — disse ela.

O medo assaltou Paul. Começou a recuar, mas a velha disse:

— É assim que obedeces à tua mãe?

Paul ergueu o olhar para os seus olhos brilhantes como os de uma ave.

Lentamente, sentindo as compulsões e incapaz de as inibir, Paul pôs a mão na caixa. Sentiu primeiro uma sensação de frio enquanto o negrume se lhe fechava em volta da mão, e depois um metal liso contra os dedos e um formigueiro, como se tivesse a mão dormente.

Uma expressão predatória encheu as feições da velha. Afastou a mão direita da caixa e colocou-a perto do lado do pescoço de Paul. Este viu aí uma cintilação metálica e começou a virar-se para ela.

— Pára! — exclamou a velha.

Outra vez a usar a Voz! Voltou a desviar a atenção para a cara dela.

— Tenho o gom jabbar junto do teu pescoço — disse ela. — O gom jabbar, o inimigo altaneiro. É uma agulha com uma gota de veneno na ponta. Ah-ah! Não te afastes, senão sentirás esse veneno.

Paul tentou engolir com uma garganta seca. Não conseguia afastar a atenção da velha cara enrugada, dos olhos cintilantes, das gengivas pálidas em volta dos dentes de um metal prateado que relampejavam quando ela falava.

— Um filho de duque *tem* de possuir conhecimentos sobre venenos — disse ela. — É assim que os nossos tempos funcionam, há? Musky, para se ser envenenado pela bebida. Aumas, para se ser envenenado pela comida. Os rápidos e os lentos e os intermédios. Aqui tens um novo: o gom jabbar. Só mata animais.

O orgulho subjugou o medo de Paul.

— Atrave-se a sugerir que o filho de um duque é um animal? — perguntou.

— Digamos que sugiro que talvez sejas humano — disse ela. — Firme! Aviso-te para não tentares afastar-te de repente. Sou velha, mas a minha mão é capaz de te enfiar a agulha no pescoço antes de me escapares.

— Quem é você? — sussurrou Paul. — Como foi que levou a minha mãe a deixar-me sozinho consigo? Pertence aos Harkonnen?

— Aos Harkonnen? Abençoados sejamos, não! E agora cala-te. — Um dedo seco tocou-lhe o pescoço e ele acalmou a ânsia involuntária de saltar para longe.

— Ótimo — disse ela. — Passaste o primeiro teste. Agora aqui tens o modo como o resto se vai passar: se retirares a mão da caixa, morres. Essa é a única regra. Mantém a mão na caixa e sobrevives. Retira-a e morres.

Paul respirou fundo para acalmar os tremores.

— Se eu gritar, cairão criados sobre si em segundos e será *you* a morrer.

— Criados não passarão pela tua mãe que está à frente daquela porta, de guarda. Podes confiar nisso. A tua mãe sobreviveu a este teste. Agora é a tua vez. Sente-te honrado. Raramente administramos isto a crianças do sexo masculino.

A curiosidade reduziu o medo de Paul até um nível que era capaz de gerir. Ouvia a verdade na voz da velha, não havia como negá-lo. Se a mãe estava de guarda lá fora... se isto fosse realmente um teste... E, fosse o que fosse, sabia que estava preso, encurralado por aquela mão junto ao seu pescoço: o gom jabbar. Recordou a resposta da Litania contra o Medo, do rito Bene Gesserit, que a mãe lhe ensinara.

“Não devo ter medo. O medo é o destruidor da mente. O medo é a pequena morte que traz a obliteração completa. Enfrentarei o meu medo. Permitirei que ele passe por mim e através de mim. E quando terminar de passar, virarei o olho interno para ver o seu caminho. Por onde o medo passar, nada haverá. Só eu permaneceréi.”

Sentiu a calma a regressar, disse:

— Avance lá com isso, velha.

— Velha! — exclamou ela. — Tens coragem, não há como negá-lo. Bem, veremos, malandro. — Dobrou-se para mais perto, baixou a voz até pouco passar de um sussurro. — Vais sentir dor nesta mão que está dentro da caixa. Dor. Mas!, se retirares a mão, eu toco-te no pescoço com o meu gom jabbar... uma morte tão rápida que é como a queda do machado do carrasco. Retira a mão e o gom jabbar leva-te. Entendes?

— O que há na caixa?

— Dor.

Sentiu um formigueiro crescente na mão, apertou os lábios com força. *Como pode ser isto um teste?*, perguntou a si próprio. O formigueiro transformou-se numa comichão.

A velha disse:

— Ouviste falar de animais que roem uma perna para escapar a uma armadilha? Isso é um tipo de truque típico de animal. Um ser humano permaneceria

na armadilha, aguentaria a dor, simulando a morte para poder matar quem armou a armadilha e destruir uma ameaça contra os seus.

A comichão transformou-se na mais ténue das queimaduras.

— Porque está a fazer isto? — quis ele saber.

— Para determinar se és humano. Cala-te.

Paul fechou a mão esquerda num punho enquanto a sensação de queimadura aumentava na outra. Crescia lentamente: calor sobre calor sobre calor... sobre calor. Sentiu as unhas da mão livre a morder a palma. Tentou flectir os dedos da mão que ardia, mas não conseguiu movê-los.

— Arde — sussurrou.

— Silêncio!

A dor latejou-lhe pelo braço acima. Surgiu-lhe suor na testa. Cada fibra do seu corpo gritava para que retirasse a mão daquele poço ardente... mas... o gom jabbar. Sem virar a cabeça, tentou mover os olhos para ver aquela terrível agulha suspensa ao lado do seu pescoço. Apercebeu-se de que estava a respirar em ar-quejos, tentou abrandar a respiração mas não conseguiu.

Dor!

O seu mundo esvaziou-se de tudo, excepto aquela mão submersa em agonia, e a cara antiga, a centímetros de distância, fitando-o.

Tinha os lábios tão secos que teve dificuldade em separá-los.

O ardor! O ardor!

Pensou sentir a pele a encarquilhar-se para fora daquela mão massacrada, a carne a esturricar e a cair até só restarem ossos carbonizados.

E parou!

Como se um interruptor tivesse sido desligado, a dor parou.

Paul sentiu o braço direito a tremer, sentiu o suor a banhar-lhe o corpo.

— Basta — resmungou a velha. — Kull wahad! Nenhuma criança do sexo feminino alguma vez aguentou tanto. Devo ter desejado que falhasses. — Recostou-se, afastando-lhe o gom jabbar de junto do pescoço. — Tira a mão da caixa, jovem humano, e olha para ela.

Paul reprimiu um estremecimento dorido, fitou o vazio sem luz onde a mão parecia permanecer por vontade própria. A memória da dor inibia-lhe todos os movimentos. A razão dizia-lhe que iria retirar daquela caixa um coto enegrecido.

— Tira! — exclamou ela.

Puxou a mão de dentro da caixa, fitou-a atónito. Nem uma marca. Nenhum sinal de agonia na carne. Ergueu a mão, virou-a, flectiu os dedos.

— Dor por indução nervosa — disse ela. — Não podemos andar por aí a

estropiar potenciais seres humanos. Mas há quem desse uma bela soma pelo segredo desta caixa. — Enfiou-a nas dobras do vestido.

— Mas a dor... — disse ele.

— Dor — fungou a mulher. — Um ser humano pode sobrepor-se a qualquer nervo do corpo.

Paul sentiu a mão esquerda a doer, desenrolou os dedos apertados, olhou para as marcas ensanguentadas que tinha onde as unhas lhe haviam mordido a palma. Deixou cair a mão, olhou para a velha.

— Fez isto um dia à minha mãe?

— Alguma vez peneiraste areia? — perguntou ela.

O raspão tangencial da pergunta chocou-lhe a mente, colocando-a num estado de consciência mais elevado: *Peneirar areia*. Confirmou com a cabeça.

— Nós, as Bene Gesserit, peneiramos gente para encontrar os seres humanos.

Ele ergueu a mão direita, controlando a memória da dor.

— E tudo se resume a isto... a dor?

— Observei-te na dor, rapaz. A dor não é mais do que o eixo do teste. A tua mãe falou-te dos nossos modos de observação. Vejo em ti os sinais dos seus ensinamentos. O nosso teste é crise e observação.

Ele ouviu a confirmação na voz dela e disse:

— É verdade!

Ela fitou-o. *Ele apercebe-se da verdade! Poderá ser o tal? Poderá realmente ser o tal?* Extinguiu a excitação, lembrando a si própria: “*A esperança encobre a observação.*”

— Sabes quando as pessoas acreditam no que dizem — disse.

— Sei.

Os harmónicos da capacidade confirmada pela repetição de testes encontravam-se na sua voz. A velha ouviu-os e disse:

— Talvez sejas o Kwisatz Haderach. Senta-te, irmãozinho, aqui a meus pés.

— Prefiro ficar em pé.

— A tua mãe sentou-se um dia a meus pés.

— Eu não sou a minha mãe.

— Odeias-nos um bocadinho, hã? — Olhou na direcção da porta, chamou: — Jessica!

A porta abriu-se num rompante e Jessica parou aí, a fitar a sala com olhos duros. A dureza liquefez-se nela quando viu Paul. Conseguiu fazer um ténue sorriso.

— Jessica, alguma vez deixaste de me odiar? — perguntou a velha.

— Eu amo-a e odeio-a ao mesmo tempo — disse Jessica. — O ódio vem de dores que não posso nunca esquecer. O amor é...

— Apenas o facto básico — disse a velha, mas a sua voz soou gentil. — Podes agora entrar, mas fica em silêncio. Fecha essa porta e assegura-te de que ninguém nos interrompe.

Jessica entrou na sala, fechou a porta e ficou em pé, com as costas encostadas a ela. *O meu filho está vivo*, pensou. *O meu filho está vivo e é... humano. Eu sabia que era... mas... está vivo. Agora posso continuar a viver.* Sentia a porta como uma realidade dura de encontro às suas costas. Tudo na sala era imediato e premente nos seus sentidos.

O meu filho está vivo.

Paul olhou para a mãe. *Ela disse a verdade.* Desejou ir-se embora sozinho e reflectir bem naquela experiência, mas sabia que não poderia sair até que fosse mandado embora. A velha ganhara poder sobre si. *Elas falaram verdade.* A mãe passara por aquele teste. Deve haver nele um terrível propósito... a dor e o medo tinham sido terríveis. Paul compreendia terríveis propósitos. Impeliam as pessoas contra todas as probabilidades. Eram a sua própria necessidade. Paul sentia que fora infectado com um terrível propósito. Ainda não sabia o que o terrível propósito seria.

— Um dia, rapaz — disse a velha — também tu poderás ter de ficar assim do lado de fora de uma porta. Fazê-lo exige bastante.

Paul baixou os olhos para a mão que conhecera a dor, e de seguida ergueu-os para a Reverenda Madre. O som da voz dela contivera naquele momento uma diferença em relação a todas as outras vozes que experimentara. As palavras estavam delineadas em brilhantismo. Houvera nelas uma espécie de aresta. Sentiu que qualquer pergunta que lhe fizesse traria uma resposta que seria capaz de o erguer daquele mundo de carne para algo maior.

— Porque fazem testes para procurar seres humanos? — perguntou.

— Para vos libertar.

— Libertar?

— Em tempos, os homens entregaram o pensamento às máquinas, na esperança de que isso os libertasse. Mas só permitiu que outros homens com máquinas os escravizassem.

— “Não fareis uma máquina à semelhança de uma mente humana” — citou Paul.

— Tirado directamente da Jihad Butleriana e da Bíblia Orange Católica — disse ela. — Mas o que a Bíblia O. C. devia dizer é: “Não fareis uma máquina que falsifique uma mente *humana*.” Estudaste o mentat ao teu serviço?

— Estudei *com* Thufir Hawat.

— A Grande Revolta retirou-nos uma muleta — disse ela. — Forçou

mentes *humanas* a desenvolver-se. Foram iniciadas escolas para treinar talentos *humanos*.

— Escolas Bene Gesserit?

Ela anuiu.

— Temos dois sobreviventes principais dessas escolas antigas: as Bene Gesserit e a Guilda do Espaço. A Guilda, segundo pensamos, dá ênfase à matemática quase pura. As Bene Gesserit desempenham outra função.

— Política — disse ele.

— Kull wahad! — disse a velha. Atirou um relance duro a Jessica.

— Eu não lhe contei, Reverência — disse Jessica.

A Reverenda Madre devolveu a atenção a Paul.

— Fizeste isso com um conjunto de pistas notavelmente reduzido — disse. — De facto é a política. A escola Bene Gesserit original era dirigida por pessoas que viam a necessidade de uma linha de continuidade nos assuntos humanos. Viam que não podia haver uma tal continuidade sem separar o tronco humano do tronco animal... para fins de reprodução.

As palavras da velha perderam de repente a sua intensidade especial para Paul. Sentiu nelas uma ofensa contra aquilo a que a mãe chamava o seu *instinto de correcção*. Não se dava o caso da Reverenda Madre lhe estar a mentir. Era evidente que ela acreditava no que dizia. Era algo de mais profundo, algo ligado ao seu terrível propósito.

Disse:

— Mas a minha mãe diz-me que muitas das Bene Gesserit das escolas não conhecem a sua ascendência.

— As linhagens genéticas encontram-se sempre nos nossos registos — disse ela. — A tua mãe sabe que ou é de ascendência Bene Gesserit, ou o seu tronco era aceitável em si mesmo.

— Então porque não pôde ela saber quem são os pais?

— Algumas sabem... Muitas não. Podíamos, por exemplo, ter querido reproduzi-la com um parente próximo, para estabelecer uma dominância nalgum traço genético. Temos muitas razões.

De novo, Paul sentiu a ofensa contra a *correcção*. Disse:

— Encarregam-se de muita coisa.

A Reverenda Madre fitou-o, perguntando a si própria: *terei ouvido crítica na voz dele?*

— Transportamos um pesado fardo — disse.

Paul sentiu-se a sair cada vez mais do choque do teste. Virou para ela um olhar avaliador, disse:

— Diz que eu talvez seja o... Kwisatz Haderach. O que é isso? Um gom jabbar humano?

— Paul — disse Jessica. — Não deves usar esse tom de voz com...

— Eu lido com isto, Jessica — disse a velha. — Ora, rapaz, sabes o que é a droga da Verdavidência?

— Vocês tomam-na para aumentar a vossa capacidade para detectar a falsidade — disse ele. — A minha mãe contou-me.

— Alguma vez viste um verdatranse?

Ele abanou a cabeça.

— Não.

— A droga é perigosa — disse ela — mas dá perspicácia. Quando uma verdadeira é dotada pela droga, pode olhar para muitos lugares na sua memória... na memória do seu corpo. Olhamos ao longo de tantas avenidas do passado... mas só avenidas femininas. — A voz ganhou uma nota de tristeza. — No entanto, há um lugar que nenhuma verdadeira pode ver. Somos repelidas por ele, aterrorizadas. Diz-se que um homem chegará um dia e encontrará na dádiva da droga o seu olho interior. Olhará para onde nós não podemos... para passados tanto femininos como masculinos.

— O vosso Kwisatz Haderach?

— Sim, aquele que pode estar em muitos lugares ao mesmo tempo: o Kwisatz Haderach. Muitos homens experimentaram a droga... tantos, mas nenhum teve sucesso.

— Tentaram e falharam, todos?

— Oh, não. — Abanou a cabeça. — Tentaram e morreram.

Tentar um entendimento de Muad'Dib sem entender os seus inimigos mortais, os Harkonnen, é como tentar ver a Verdade sem conhecer a Falsidade. É a tentativa de ver a Luz sem conhecer a Escuridão. Não pode ser.

— do “Manual de Muad'Dib”, pela Princesa Irulan

Era um globo em relevo de um mundo, parcialmente nas sombras, girando sob o ímpeto de uma mão gorda que cintilava de anéis. O globo estava assente numa mesinha assimétrica junto de uma parede de uma sala sem janelas, cujas outras paredes mostravam uma manta de retalhos de rolos, livrilmes, fitas e bobinas multicoloridos. A luz brilhava na sala, proveniente de bolas douradas que pairavam em campos suspensórios móveis.

Uma secretária elipsoidal com um tampo jade e rosa de madeira petrificada de elacca encontrava-se no centro da sala. Cadeiras suspensórias veriformes rodeavam-na, e duas estavam ocupadas. Numa, sentava-se um jovem de cabelo escuro com cerca de dezasseis anos, de rosto redondo e olhos taciturnos. A outra continha um homem esguio e baixo, com um rosto efeminado.

Tanto o jovem como o homem fitavam o globo e o homem meio escondido nas sombras que o fazia girar.

Uma gargalhadinha soou ao lado do globo. Uma voz de baixo ribombou de dentro da gargalhadinha.

— Aí tens, Piter... a maior armadilha de toda a história. E o Duque vai direitinho a ela. Não é uma coisa magnífica que eu, o Barão Vladimir Harkonnen, faço?

— Com certeza, Barão — disse o homem. A sua voz soou num tom de tenor, com uma qualidade doce e musical.

A mão gorda desceu para o globo, parou a rotação. Agora, todos os olhos na sala podiam focar-se na superfície imóvel e ver que o globo era do tipo que era produzido para colecionadores ricos ou governadores planetários do Império. Tinha em si os traços característicos das oficinas imperiais. As linhas de latitude e longitude tinham sido embutidas com fios de platina finos como cabelos. As calotas polares eram incrustações dos melhores diamantes leitebruma.

A mão gorda deslocou-se, seguindo certos detalhes da superfície.

— Convido-vos a observar — ribombou a voz de baixo. — Observa bem, Piter, e tu também, Feyd-Rautha, meu querido: desde os sessenta graus norte até aos setenta graus sul estas requintadas ondulações. A cor: não vos faz lembrar caramelos doces? E não se vê em sítio nenhum o azul de lagos, rios ou mares. E estas adoráveis calotas polares... tão pequenas. Haverá alguém capaz de confundir este lugar? Arrakis! Verdadeiramente único. Um soberbo pano de fundo para uma vitória inaudita.

Um sorriso tocou os lábios de Piter.

— E pensar, Barão, que o Imperador Padixá acredita que deu ao Duque o seu planeta da especiaria. Que comovente.

— Essa é uma afirmação sem sentido — ribombou o Barão. — Dizes isso

para confundir o jovem Feyd-Rautha, mas não é necessário confundir o meu sobrinho.

O jovem de rosto taciturno mexeu-se na cadeira, alisou uma ruga na malha justa e negra que usava. Endireitou-se na cadeira quando um discreto batimento soou na porta que se abria na parede atrás de si.

Piter desdobrou-se de cima da cadeira, atravessou a sala até à porta, entreabriu-a apenas o suficiente para aceitar um cilindro mensageiro. Fechou a porta, desenrolou o cilindro e passou os olhos por ele. Um risinho soou vindo dele. E outro.

— Então? — quis saber o Barão.

— O tolo respondeu-nos, Barão!

— E quando foi que um Atreides recusou a oportunidade de fazer um gesto? — perguntou o Barão. — Então, que diz ele?

— É muito grosseiro, Barão. Trata-o por “Harkonnen”... nada de “Senhor et Cher Cousin”, nada de título, nada de nada.

— É um bom nome — rosnou o Barão, e a voz traiu-lhe a impaciência. — O que diz o caro Leto?

— Diz: “A sua sugestão para um encontro é recusada. Já me deparei frequentes vezes com os seus modos traiçoeiros, e todos o sabem.”

— E? — perguntou o Barão.

— Diz: “A arte de kanly ainda tem admiradores no Império.” E assina: “Duque Leto de Arrakis.” — Piter desatou a rir. — De Arrakis! Caramba! Isto é quase demasiado saboroso!

— Cala-te, Piter — disse o Barão, e o riso parou como se tivesse sido desligado por um interruptor. — Com que então kanly? — perguntou o Barão. — Vendeta, há? E usa a bela palavra antiga, tão rica de tradições, para se assegurar de que eu saiba que fala a sério.

— Você fez o gesto de paz — disse Piter. — As formalidades foram cumpridas.

— Para mentat, falas demasiado, Piter — disse o Barão. E pensou: *terei de me ver livre deste em breve. Já quase sobreviveu à sua utilidade.* O olhar do Barão cruzou a sala até ao seu assassino mentat, vendo a característica do homem em que a maior parte das pessoas reparava primeiro: os olhos, as sombrias fendas de azul em fundo azul, os olhos que não possuíam nem um pouco de branco.

Um sorriso cruzou a cara de Piter. Foi como um esgar de máscara, sob aqueles olhos semelhantes a buracos.

— Mas, Barão! Nunca a vingança foi mais bela. É ver um plano da mais refinada perfídia: *obrigar* Leto a trocar Caladan por Duna... e sem ter alternativa, porque o Imperador o ordena. Que cómico da sua parte!

Numa voz fria, o barão disse:

— Estás com uma fluxão na boca, Piter.

— Mas estou feliz, Barão. Enquanto você... você está tocado de inveja.

— Piter!

— Ha-ha, Barão! Não é lamentável que tenha sido incapaz de conceber esta deliciosa maquinação sozinho?

— Um dia, mandar-te-ei estrangular, Piter.

— Com certeza, Barão. Enfim! Mas um acto bondoso nunca se perde, hã?

— Andaste a mascar verite ou semuta, Piter?

— A verdade sem medo surpreende o Barão — disse Piter. O seu rosto repuxou-se numa caricatura de uma máscara carrancuda. — Ah, hah! Mas está a ver, Barão, na minha qualidade de mentat, eu sei quando irá enviar o verdugo. Enquanto eu for útil, conter-se-á. Fazer a jogada mais cedo seria um desperdício, e eu ainda tenho grande utilidade. Sei o que aprendeu com aquele adorável planeta Duna: não desperdiçar. Certo, Barão?

O Barão continuou a fitar Piter.

Feyd-Rutha remexeu-se na cadeira. *Estes palermas quezilentos*, pensou. *O meu tio não é capaz de conversar com o seu mentat sem discutir. Pensarão que eu não tenho nada que fazer além de escutar as suas discussões?*

— Feyd — disse o Barão. — Disse-te para escutares e aprenderes quando te convidei para assistires a isto. Estás a aprender?

— Sim, tio. — A voz soou cautelosamente subserviente.

— Às vezes tenho dúvidas a respeito de Piter — disse o Barão. — Eu causo dor por necessidade, mas ele... juro que ele se deleita com isso. Por mim, consigo sentir piedade pelo pobre Duque Leto. O Dr. Yueh irá atacá-lo em breve, e isso será o fim de todos os Atreides. Mas Leto certamente saberá que mão dirigiu o maleável doutor... e saber isso será uma coisa terrível.

— Então porque não instruí o doutor para que lhe enfiasse uma kindjal entre as costelas discreta e eficientemente? — perguntou Piter. — Você fala de piedade, mas...

— O Duque *tem* de saber quando eu lograr levá-lo à perdição — disse o Barão. — E as outras Grandes Casas têm de ser informadas. O conhecimento dar-lhes-á que pensar. Eu ganharei um pouco mais de espaço de manobra. A necessidade é óbvia, mas eu não tenho de gostar disso.

— Espaço de manobra — troçou Piter. — Você já tem os olhos do Imperador postos em si, Barão. Joga com demasiada ousadia. Um dia, o Imperador enviará aqui para Giedi Prime uma ou duas legiões dos seus sardaukar, e isso será o fim do Barão Vladimir Harkonnen.

— Gostavas de ver isso, não gostavas, Piter? — perguntou o Barão. — Adoravas ver o Corpo de Sardaukar a pilhar as minhas cidades e a saquear este castelo. Irias realmente deliciar-te com isso.

— O Barão precisa de perguntar? — sussurrou Piter.

— Devias ter sido um Bashar do Corpo — disse o Barão. — Estás demasiado interessado em sangue e dor. Eu talvez tenha sido demasiado lesto a prometer os despojos de Arrakis.

Piter deu cinco passos curiosamente afectados para o interior da sala, parou directamente atrás de Feyd-Rautha. Na sala surgiu uma cerrada atmosfera de tensão, e o jovem ergueu os olhos para Piter com a testa franzida de preocupação.

— Não brinque com o Piter, Barão — disse Piter. — Você prometeu-me a Dama Jessica. Prometeu-me.

— Para quê, Piter? — perguntou o Barão. — Para a dor?

Piter fitou-o, deixando que o silêncio se arrastasse.

Feyd-Rautha deslocou a sua cadeira suspensória para o lado, e disse:

— Tio, eu tenho de ficar? Disse que...

— O meu querido Feyd-Rautha está a ficar impaciente — disse o Barão. Mudou de posição no interior das sombras ao lado do globo. — Paciência, Feyd. — E devolveu a atenção ao mentat. — E o duquezinho, o miúdo Paul, meu caro Piter?

— A armadilha trá-lo-á até si, Barão — resmungou Piter.

— A minha pergunta não foi essa — disse o Barão. — Recordar-te-ás que predisseste que a bruxa Bene Gesserit daria ao Duque uma filha. Enganaste-te, hã, mentat?

— Não me enganei com frequência, Barão — disse Piter, e pela primeira vez havia medo na sua voz. — Conceda-me isso. Não me engano com frequência. E você mesmo sabe que aquelas Bene Gesserit dão à luz principalmente filhas. Até a consorte do Imperador só produziu mulheres.

— Tio — disse Feyd-Rautha — o senhor disse que haveria aqui algo de importante para eu...

— Escutem o meu sobrinho — disse o Barão. — Ele aspira a governar o meu baronato, mas não consegue governar-se a si próprio. — O Barão moveu-se ao lado do globo, uma sombra entre sombras. — Então muito bem, Feyd-Rautha Harkonnen, chamei-te aqui na esperança de te ensinar um pouco de sabedoria. Observaste o nosso bom mentat? Devias ter aprendido alguma coisa com esta conversa.

— Mas, tio...

— O Piter é um mentat muito eficiente, não te parece, Feyd?

— Sim, mas...

— Ah! Exactamente, *mas!* Mas ele consome demasiada especiaria, come-a como rebuçados. Olha para os olhos dele! Podia ter saído directamente dos trabalhadores de Arrakeen. O Piter é eficiente, *mas* apesar disso é emocional e dado a acessos de paixão. O Piter é eficiente, *mas* mesmo assim pode errar.

Piter interveio num tom de voz baixo e taciturno.

— Chamou-me cá para comprometer a minha eficiência com críticas, Barão?

— Comprometer a tua eficiência? Conhecês-me melhor do que isso, Piter. Só desejo que o meu sobrinho compreenda as limitações de um mentat.

— Já está a treinar o meu substituto? — perguntou Piter.

— Substituir-*te*? Ora, Piter, onde conseguiria eu encontrar outro mentat com a tua astúcia e veneno?

— No mesmo sítio onde me encontrou a mim, Barão.

— Talvez deva fazê-lo — reflectiu o Barão. — Tu realmente pareces um pouco instável nos últimos tempos. E a especiaria que comes!

— Os meus prazeres são demasiado caros, Barão? Levanta-lhes objecções?

— Meu caro Piter, os teus prazeres são aquilo que te une a mim. Como poderia eu levantar-lhes objecções? Meramente desejo que o meu sobrinho observe isto a teu respeito.

— Então estou em exibição — disse Piter. — Quer que eu dance? Quer que desempenhe as minhas várias funções para o eminente Feyd-Rau...

— Precisamente — disse o Barão. — Estás em exibição. Agora cala-te. — Olhou de relance Feyd-Rautha, reparando nos lábios do sobrinho, no aspecto cheio e saliente que eles tinham, o marcador genético dos Harkonnen, agora ligeiramente torcido em divertimento. — Isto é um mentat, Feyd. Foi treinado e condicionado para cumprir certos deveres. O facto de estar encerrado num corpo humano, no entanto, não deve ser ignorado. Isso é um sério inconveniente. Por vezes penso que os antigos, com as suas máquinas pensantes, tinham a ideia certa.

— Elas eram brinquedos, comparadas comigo — rosou Piter. — Até você, Barão, conseguiria melhor desempenho do que essas *máquinas*.

— Talvez — disse o Barão. — Enfim... — Respirou fundo, arrotou. — Ora bem, Piter, delineia para o meu sobrinho as características relevantes da nossa campanha contra a Casa de Atréides. Funciona como um mentat para nós, por favor.

— Barão, eu avisei-o para que não confiasse esta informação a alguém tão jovem. As minhas observações de...

— Eu serei juiz disso — disse o Barão. — Dou-te uma ordem, mentat. Desempenha uma das tuas várias funções.

— Assim seja — disse Piter. Endireitou-se, assumindo uma estranha atitude de dignidade... como se fosse outra máscara, mas daquela vez revestindo todo o seu corpo. — Dentro de alguns dias-padrão, todo o pessoal do Duque Leto embarcará numa nave de carreira da Guilda do Espaço com destino a Arrakis. A Guilda depositá-los-á na cidade de Arrakeen e não na nossa cidade de Carthag. O mentat do Duque, Thufir Hawat, terá concluído acertadamente que Arrakeen é mais fácil de defender.

— Escuta cuidadosamente, Feyd — disse o Barão. — Observa os planos dentro de planos dentro de planos.

Feyd-Rautha anuiu, pensando: *Assim está melhor. O velho monstro está finalmente a pôr-me ao corrente das suas coisas secretas. Deve realmente querer que eu seja seu herdeiro.*

— Há várias possibilidades tangenciais — disse Piter. — Eu indico que a Casa Atreides irá para Arrakis. No entanto, não podemos ignorar a possibilidade de o Duque ter contratado com a Guilda que o leve para um lugar seguro fora do Sistema. Outros em semelhantes circunstâncias tornaram-se Casas renegadas, pegando nas armas atômicas e nos escudos da família e fugindo para fora do Império.

— O Duque é um homem demasiado orgulhoso para isso — disse o Barão.

— É uma possibilidade — disse Piter. — No entanto, a derradeira consequência seria para nós a mesma.

— Não seria, não! — rosnou o Barão. — Eu tenho de o ter morto e a sua linhagem exterminada.

— Essa é a probabilidade mais elevada — disse Piter. — Há certos preparativos que indicam que uma Casa se vai tornar renegada. O Duque parece não estar a fazer nenhuma dessas coisas.

— Bom — suspirou o Barão. — Continua, Piter.

— Em Arrakeen — disse Piter — o Duque e a família ocuparão a Residência, que tem sido o lar do Conde e da Dama Fenring.

— O Embaixador junto dos Contrabandistas — disse o Barão com um risinho.

— Embaixador junto de quê? — perguntou Feyd-Rautha.

— O seu tio está a fazer uma piada — disse Piter. — Chama Embaixador junto dos Contrabandistas ao Conde Fenring, indicando o interesse do Imperador nas operações de contrabando em Arrakis.

Feyd-Rautha virou um olhar confundido para o tio.

— Porquê?

— Não sejas parvo, Feyd — disse o Barão com dureza. — Enquanto a Guilda

continuar para todos os efeitos fora do controlo imperial, como poderia ser de outro modo? De que outra maneira poderiam os espões e assassinos deslocar-se de um lado para o outro?

A boca de Feyd-Rautha fez um insonoro “Oh-h-h-h.”

— Organizámos manobras de diversão na Residência — disse Piter. — Haverá um atentado contra a vida do herdeiro Atreides... um atentado que poderá ser bem-sucedido.

— Piter — trovejou o Barão — tu indicaste...

— Eu indiquei que é possível que aconteçam acidentes — disse Piter. — E o atentado tem de parecer válido.

— Ah, mas o rapaz tem um corpinho jovem tão delicioso — disse o Barão. — Claro, é potencialmente mais perigoso do que o pai... com aquela mãe bruxa a treiná-lo. Maldita mulher! Enfim, continua, por favor, Piter.

— Hawat terá adivinhado que temos um agente colocado contra ele — disse Piter. — O suspeito óbvio é o Dr. Yueh, que é realmente nosso agente. Mas Hawat investigou e descobriu que o nosso doutor é graduado da Escola Suk com Condicionamento Imperial... supostamente seguro o suficiente para socorrer até o Imperador. Dá-se grande crédito ao Condicionamento Imperial. Assume-se que esse derradeiro condicionamento não pode ser removido sem matar o paciente. No entanto, como alguém um dia observou, com a alavanca adequada, é possível mover um planeta. Descobrimos a alavanca que movia o doutor.

— Como? — perguntou Feyd-Rautha. Achava aquele assunto fascinante. *Toda a gente* sabia que não era possível subverter o Condicionamento Imperial!

— Noutra altura — disse o Barão. — Continua, Piter.

— Em vez de Yueh — disse Piter — faremos atravessar-se no caminho de Hawat uma suspeita muito interessante. A própria audácia desta suspeita irá recomendá-la à atenção de Hawat.

— Suspeita? — perguntou Feyd-Rautha.

— A própria Dama Jessica — disse o Barão.

— Não é sublime? — perguntou Piter. — A mente de Hawat estará tão preenchida com esta possibilidade que isso irá comprometer o seu funcionamento como mentat. Pode até tentar matá-la. — Piter franziu o sobrolho, após o que disse: — Mas não me parece que seja capaz de levar isso a cabo.

— Não queres que o faça, hã? — perguntou o Barão.

— Não me distraia — disse Piter. — Enquanto Hawat está ocupado com a Dama Jessica, distraímo-lo mais com revoltas nalgumas guarnições e coisas do género. Essas serão dominadas. O Duque tem de acreditar que está a conquistar

alguma segurança. Depois, quando o momento estiver maduro, faremos sinal a Yueh e avançaremos com as nossas forças principais... ah...

— Continua, conta-lhe tudo — disse o Barão.

— Avançaremos fortalecidos por duas legiões de sardaukar disfarçadas com uniformes Harkonnen.

— Sardaukar! — suspirou Feyd-Rautha. A sua mente focou-se nas temidas tropas imperiais, nos assassinos sem misericórdia, nos soldados fanáticos do Imperador Padixá.

— Estás a ver como confio em ti, Feyd — disse o Barão. — Nem uma alusão a isto deve chegar a outra Grande Casa, caso contrário o Landsraad poderá unir-se contra a Casa Imperial e haverá caos.

— O ponto principal — disse Piter — é este: como a Casa Harkonnen está a ser usada para fazer o trabalho sujo do Imperador, ganhámos uma verdadeira vantagem. É uma vantagem perigosa, é certo, mas, se for usada com cautela, trará à Casa Harkonnen maior riqueza do que a de qualquer outra Casa do Império.

— Não fazes ideia de quanta riqueza está envolvida nisto, Feyd — disse o Barão. — Nem nos teus sonhos mais loucos. Para começar, teremos uma directoria irrevogável na Companhia CHOAM.

Feyd-Rautha acenou com a cabeça. A questão era a riqueza. A CHOAM era a chave para a riqueza, e todas as Casas nobres metiam a mão nos cofres da companhia sempre que podiam sob o poder das directorias. Essas directorias da CHOAM... eram a verdadeira prova de poder político no Império, sendo transmitidas segundo as mudanças no poder de votação dentro do Landsraad à medida que este ia encontrando equilíbrios com o Imperador e os *seus* apoiantes.

— O Duque Leto — disse Piter — pode tentar fugir para junto da nova escumalha fremen na borda do deserto. Ou pode tentar enviar a família para essa segurança imaginada. Mas esse caminho está bloqueado por um dos agentes de Sua Majestade: o ecologista planetário. Talvez se lembrem dele: Kynes.

— O Feyd lembra-se dele — disse o Barão. — Continua.

— Você a babar-se não é lá muito bonito, Barão — disse Piter.

— Continua com isso, ordeno-te! — rugiu o Barão.

Piter encolheu os ombros.

— Se as coisas seguirem conforme o planeado — disse — a Casa Harkonnen terá um subfeudo em Arrakis dentro de um ano-padrão. O seu tio terá a concessão desse feudo. O seu agente *pessoal* governará em Arrakis.

— Mais lucros — disse Feyd-Rautha.

— Precisamente — disse o Barão. E pensou: *É de elementar justiça. Fomos nós que domámos Arrakis... à parte a mão-cheia de mestiços fremen que se escondem*

debaixo das saias do deserto... e alguns contrabandistas maçadores presos ao planeta quase tão firmemente como os trabalhadores nativos.

— E as Grandes Casas saberão que o Barão destruiu os Atreides — disse Piter. — Elas saberão.

— Saberão — suspirou o Barão.

— O mais adorável de tudo — disse Piter — é que o Duque também saberá. Já o sabe. Já consegue sentir a armadilha.

— É verdade que o Duque sabe — disse o Barão, e a sua voz continha uma ponta de tristeza. — Não pode evitar saber... maior é a pena.

O Barão afastou-se do globo de Arrakis. Ao emergir das sombras, a sua silhueta ganhou dimensão... disforme e imensamente gorda. E com subtis protuberâncias por baixo de dobras das suas vestes escuras que revelavam que toda aquela gordura era parcialmente sustida por suspensores portáteis presos à sua carne por arneses. Talvez pesasse realmente duzentos quilos-padrão, mas os seus pés não transportavam mais de cinquenta desses quilos.

— Tenho fome — ribombou o Barão, e esfregou os lábios proeminentes com uma mão cheia de anéis, fitando Feyd-Rautha através de olhos envoltos em gordura. — Manda pedir comida, querido. Vamos comer antes de nos retirarmos.